



Karin Tidbeck



Para leitores de Margaret Atwood e Ursula K. Le Guin

AMATKA

TOP
SEL
LER

«Assustador, estranho, cheio de pequenos
detalhes que nos arrepiam.»

Washington Post

O COMBOIO

Vanja Essre II de Brilars, assistente de informações da companhia de Especialistas de Higiene de Essre, era a única passageira no comboio com destino a Amatka. A porta tinha-se fechado para o comboio arrancar assim que ela subira os degraus. Agarrou melhor a sacola e o estojo da máquina de escrever, servindo-se dos pés para empurrar a mala de viagem pela porta deslizante. Do outro lado, a escuridão era absoluta. Tateou a parede até encontrar um interruptor ao lado da porta. A luz que se acendeu era fraca e amarelada.

O espaço exíguo do vagão de passageiros estava vazio, à exceção dos beliches de bancos de vinil castanho ao longo das paredes e das prateleiras para a bagagem, cheias de cobertores e almofadas finas; as prateleiras também eram suficientemente largas para que se pudesse dormir ali. O vagão fora construído por causa das migrações, para transportar pioneiros para as novas fronteiras, uma capacidade desaproveitada naquela ocasião.

Vanja deixou as malas junto à porta e sentou-se em cada um dos bancos. Todos eram igualmente rígidos e desconfortáveis. O forro parecia escorregadio, mas era desagradavelmente áspero ao toque. Escolheu o banco no canto à direita, para ficar perto da

carruagem comum e ter uma boa vista do resto do vagão. Tudo aquilo era vagamente reminescente do dormitório da Casa Infantil II, havia tanto tempo: os mesmos colchões de vinil debaixo dos lençóis, o mesmo cheiro a corpos que perdurava no ar. Mas, nesses tempos, o quarto estava cheio de crianças e animado pelo som das suas vozes.

Espreitou para a minúscula carruagem comum. A única janela desse vagão ficava na parede direita, era baixa e larga, com cantos arredondados e uma cortina rolante. Vista de perto, revelava não ser uma janela normal, mas antes um ecrã branco que se acendia ao carregar-se num botão. Provavelmente, o objetivo era que substituísse a luz do dia. Por baixo do ecrã, havia uma janela aparafusada ao chão, juntamente com quatro cadeiras. Um dos dois armários altos do outro lado do espaço tinha um pequeno lavatório com uma bacia, e o outro, uma pequena despensa com conservas e tubérculos frescos. Tudo estava rotulado com letras grandes e reconfortantes: BACIA, DESPENSA, MESA. Aquela área tinha um ligeiro cheiro a estrume, fosse do lavatório ou dos contentores que seguiam na frente do comboio.

Vanja foi buscar a mala e abriu as fivelas. Uma delas parecia prestes a descoser-se. Tinha sido prenda de alguém, que já a herdara de outra pessoa, e por aí em diante. De qualquer maneira, aquilo não duraria muito: a palavra MALA estava quase ilegível. Ela poderia voltar a escrever as letras, claro, mas era só uma questão de ver o que aconteceria primeiro — se a mala se desfaria simplesmente pelo uso, ou se se dissolveria quando ela a guardasse. Devia mesmo livrar-se dela.

— Mala — sussurrou Vanja, para lhe manter a forma apenas durante mais algum tempo. — Mala, mala.

Deitou o espaldar para libertar o banco de baixo do beliche e fez a cama com os lençóis que tinha trazido. Também não tardariam a precisar de ser marcados de novo.

Ao que parecia, as conservas da despensa não precisavam de ser aquecidas. Vanja encontrou uma colher e tirou a tampa de

uma das latas. Segundo a lista de ingredientes, continha «guisado à base de micoproteína», o que significava uma pasta uniforme e insípida que se lhe colava ao céu da boca. Vanja obrigou-se a comer metade da lata e depois devolveu-a à despensa. Os vegetais eram frescos e sabiam melhor. Cortou um bocado de rutabaga em pedaços mais pequenos, que foi comendo devagar, um a um.

O vagão oscilava suavemente para trás e para a frente; um som martelado e rítmico passava pelo chão e, embora isso devesse querer dizer que o comboio avançava, era impossível perceber a que velocidade. A luz do ecrã da janela reduziu-se. Vanja olhou para o relógio que trazia no pulso. O segundo indicador estava parado na 1 hora, a piscar. Ela tinha-se esquecido de seguir as instruções; devia tê-lo deixado em casa ou na estação. Consultá-lo no comboio era má ideia. A menos que fossem feitas de matéria de boa qualidade, nas colónias por vezes as coisas mecânicas não se comportavam como deviam. O comboio estava seguro, claro, mas o pequeno relógio talvez não. Vanja tirou-o e guardou-o no bolso.

Voltou para o vagão principal e mudou para a roupa de dormir. Estava a ficar-lhe demasiado grande, outra vez. Os seios pendiam-lhe, semivazios, sobre as costelas, a barriga já não descaía de gordura, mas antes de pele lassa e musculatura flácida e as pernas já não estavam firmes. Ela sabia que o seu rosto emagrecera da mesma maneira, como massa a perder a forma, com o bronzeado a amarelecer e a confundir-se com o tom baço dos olhos e do cabelo, num espetro indistinto de castanho. Parecia mais velha do que era. A supervisora, Öydis de Ilas, tratara-a com um cuidado exagerado. Esta missão é importante, dissera ela, por isso demora o tempo de que precisares. Não há necessidade de te apressares. Tratava-se de uma missão importante, levada a cabo com a bênção do comité. Ela era, afinal, a primeira a fazer algo assim.

Deixou a luz do teto acesa e meteu-se debaixo do cobertor. Toda a gente sabia que lá fora nada havia para além da estepe

deserta: erva desarvorada, alguns outeiros e talwegues. A ausência de janelas era apenas uma medida de segurança. Tentou entregar-se ao embalo do comboio. Aquele canto devia fazê-la sentir-se segura, mas não fazia. As paredes eram demasiado finas, uma concha frágil entre si e a paisagem oculta que estava a atravessar.

A PRIMEIRA SEMANA



PRIMIDIA

Da porta, Vanja assistiu à chegada do comboio à estação de Amatka, um simples bloco de betão na cintura exterior da colónia. A colónia parecia pequena, comparada com Essre, mas a sua forma era familiar: os cubos e paralelepípedos baixos e cinzentos de casas em círculos concêntricos em torno do edifício central, as oito ruas que radiavam do centro para o círculo externo de estufas abobadadas. Para lá disso, o cinzento amarelado da interminável tundra.

Ela atirou a mala para a plataforma, onde aterrou com um baque. Saiu do comboio e estremeceu. O ar era pungente, notoriamente mais frio do que em Essre. Um grupo de trabalhadores aguardava na plataforma para descarregar os dois vagões de carga atrelados ao fundo do comboio e subir as paletes e as sacas que se encontravam dispostas em fileiras apuradas sobre o betão.

Uma mulher de fato-macaco e casaco azuis aproximou-se pela plataforma. Fios de cabelo acobreado e encaracolado apareciam por debaixo do seu chapéu preto. Com talvez mais meia cabeça de altura do que Vanja, parecia ser da mesma idade e tinha olhos verdes.

— Bem-vinda a Amatka. Sou Nina IV de Ulltors. — O seu sorriso revelou um pequeno espaço entre os dentes da frente.

Aceitou a mão que a mulher lhe estendia.

— Vanja Essre II de Brilars.

Um cheiro nauseabundo espalhava-se pela plataforma. Os trabalhadores tinham começado a descarregar os grandes barris de estrume de um dos vagões de carro.

Nina seguiu-lhe o olhar.

— É para as quintas de cogumelos. Vocês mandam-nos merda e em troca recebem cogumelos. Prático, não é? — riu-se.

— Oh, sim. — Vanja aclarou a garganta.

Nina sorriu.

— Anda, vamos. Não fica longe. — Pegou na mala de Vanja com uma mão. — Vais conhecer os outros lá em casa.

Nina continuou a falar enquanto deixavam a plataforma e caminhavam em direção ao centro da colónia. Contou-lhe que estava entusiasmada por ter uma hóspede. Era a primeira vez que a sua residência tinha saído na lotaria solidária. E, como Amatka recebia tão poucos visitantes, tratava-se de uma ocasião especial. Vanja conteve-se e não colocou a pergunta indelicada acerca de como os membros da residência seriam compensados. Não obstante, Nina contou-lhe: teriam tempo de folga.

— E é ótimo que nos tenhas avisado com tanta antecedência — acrescentou. — Assim tivemos tempo de preparar o teu quarto.

Vanja pestanejou.

— Um quarto só para mim? Porquê?

Nina encolheu os ombros.

— Já estava desocupado há algum tempo. O Olof, que vivia aí, saiu da casa no ano passado.

— Em Essre, cada quarto é para duas pessoas. Por vezes, até três.

— Há algum tempo que andamos com falta de gente.

— Falta? Nunca tinha ouvido falar de uma escassez populacional. Porque é que isso acontece?

Nina cerrou o maxilar por um instante antes de dar uma resposta que parecia ensaiada:

— Houve um acidente. Perdemos cem camaradas. Já foi há algum tempo, estamos a recuperar e o comité decidiu que não queremos falar disso. Só to conto para que saibas. E é tudo o que há a dizer sobre o assunto. — Fez uma pausa. — Oficina têxtil — disse, apontando para o edifício mais próximo delas.

— Oficina têxtil — repetiu Vanja automaticamente.

Já tinham passado pelas estufas e entrado no círculo fabril, que consistia em edifícios levemente curvos, de um piso, com janelas pequenas e portas largas. Todas as fachadas estavam rotuladas com o nome e a função em letras pretas bem visíveis.

— Refinaria de vegetais — continuou Nina, a apontar para o edifício seguinte.

— Refinaria de vegetais.

— Fábrica de produtos médicos.

Era ligeiramente mais pequeno do que os outros.

— Fábrica de produtos médicos.

Oficina de reparações, oficina de impressões, fábrica de papel. Nina apontava para cada um, nomeando-os à vez, e Vanja repetia as suas palavras. As fábricas eram mais pequenas do que em Essre, mas pareciam estar mais bem cuidadas. A tinta das palavras que tinham pintadas parecia húmida e fresca.

As ruas estavam praticamente desertas. As poucas pessoas que passavam caminhavam com passos apressados e a voz de Nina ecoava, solitária. Vanja parou e tirou o relógio de pulso do bolso.

— Que horas são?

— Dez e meia.

O relógio ainda funcionava. Contudo, estava seis horas atrasado ou adiantado. Vanja colocou-o e debateu-se para o fechar, com os dedos frios e desajeitados. Puxou as mangas para tapar as mãos e tornou a pegar no estojo da máquina de escrever.

Deixaram as fábricas e entraram no círculo residencial, onde vielas estreitas separavam casas de três andares. Por uma janela

do edifício mais próximo, Vanja entrevistou dois homens ao lava-loiça da cozinha, um a lavar loiça, o outro a secá-la.

Nina apontou.

— As cozinhas ficam no piso térreo, como podes ver, e as casas de banho também. Cada um dos dois pisos de cima tem três quartos.

Vanja assentiu com a cabeça.

— Cozinha e casa de banho no piso térreo, três quartos por piso nos pisos de cima.

— Nos dois pisos de cima — corrigiu Nina.

— Desculpa. Nos dois pisos de cima. Não dormi muito bem no comboio.

Nina deu-lhe uma palmadinha no ombro e apontou para a longa casa infantil que podia ser entrevista mais ao longe, na curva do círculo residencial. Continuaram para o centro, até ao primeiro círculo. Um quarto da sua circunferência estava ocupado pela clínica, que parecia gigante ao pé das outras instalações. E, mesmo no centro, um pilar imponente que Nina não precisava de mencionar. Vanja sabia exatamente o que era: a sede da comuna.

Nina apontou para as lojas, farmácia, mercearia, roupa, ferramentas, produtos para a casa, diversos.

— Trouxeste a tua caderneta de crédito, não trouxeste?

Vanja tirou o pequeno livrete verde do bolso do peito do anoraque. Era feito de papel bom, celulose reciclada do velho mundo. Os documentos pessoais eram demasiado valiosos para se usar mero micopapel.

— Recebi um adiantamento do crédito do próximo mês. E um crédito especial para requisições.

— Para quê?

— Refiro-me às requisições da companhia. Para poder recolher coisas para o estudo. Para a minha missão.

Nina coçou o queixo.

— Sabes, na verdade não nos disseram o que vais fazer aqui.

— Sou assistente de informações. — Vanja guardou o livrete.
— Cabe-me descobrir que tipo de produtos higiénicos as pessoas daqui usam. Sabonetes e isso. Para a companhia saber que produtos deve tentar lançar aqui.

Nina soltou um som pensativo.

— Acho que são sobretudo produtos da própria comuna. Não sei como são as coisas em Essre, mas aqui não mudou muito desde que autorizaram a livre produção. As pessoas daqui gostam de coisas que conhecem. Mas por que tiveste de vir até cá para descobrir isso? Vocês lá em Essre não sabem já tudo acerca destas coisas?

Vanja abanou a cabeça.

— A administração, sim, presumo. Mas demora-se imenso tempo a obter os factos. São formulários para aqui, formulários para ali. Agora há tantas companhias novas... E a minha supervisora queria mais do que números. Quer saber o que as pessoas querem. Por isso, aqui estou.

— Quantos é que vocês são nessa...

— Somos os Especialistas de Higiene de Essre — disse Vanja.

— Podes chamar-lhe só E.H.E.

— Quantos funcionários tem a E.H.E.?

— Vinte. Mas eu sou a primeira a sair de Essre, como parte deste novo programa.

— Uau — disse Nina. — E vais fazer-nos usar o nosso crédito para comprar o vosso sabonete.

— Sim.

— Porquê? Quer dizer, o que é que tem de diferente?

— Não sei — respondeu Vanja. — Porque é novo.

— Não sei se isso me parece uma vantagem — disse Nina.

— Chegámos.

Tinham atravessado o centro e chegado aos edifícios residenciais do outro lado. Nina desceu pela fileira de casas e abriu a terceira porta à direita, rotulada como RESIDÊNCIA NÚMERO 24. Pousou a mala no pequeno vestíbulo e abriu a porta que dava para a cozinha.

A cozinha e sala comuns do piso térreo estavam parcamente mobiladas e só havia duas janelas pequenas. Por baixo da que dava para a rua, encontrava-se um fogão e uma bancada com prateleiras e um lava-loiça encastrado. Um frigorífico barulhava ao canto. Latas e sacos cuidadosamente fechados estavam alinhados em filas arrumadas nas prateleiras da despensa sem porta ao lado do frigorífico. Tudo parecia velho e usado, mas cuidadosamente rotulado. Vanja lembrou-se da sua própria cozinha, onde os rótulos estavam riscados e gastos. Isso não acontecia ali. A longa mesa de jantar encostada à parede do fundo estava coberta por um pano amarelo vivo que quase parecia luminoso, contrastando com o ambiente pardacento.

Um homem esguio, de camisa de xadrez enfiada numas jardineiras verdes estava em frente ao lava-loiça, com uma caneca fumegante na mão. Pousou-a e foi cumprimentar Vanja.

— Apresento-te o Ivar de Jonids — disse Nina. — Ivar, esta é a Vanja de Brilars.

— Bem-vinda. — O aperto de mão de Ivar era seco e leve. Correspondeu por um breve instante ao olhar de Vanja antes de desviar o olhar. Tinha os olhos raiados de sangue. — Olá. E adeus. Tenho de ir para o meu turno.

Passou por Nina, que lhe fez uma festa nas costas, e seguiu para o vestíbulo.

— Então, aquele era o Ivar — disse Nina depois de ele ter saído e fechado a porta. — Trabalha nas quintas de cogumelos. É mesmo muito querido. É só lacónico.

— Tu não tens de ir trabalhar?

— Estou de folga. Por isso, se quiseres que te leve a algum lugar ou assim, basta dizeres. Caso contrário, devo ficar no quarto a ler.

Nina mostrou-lhe a cozinha, que era muito parecida com a de casa. Toda a gente se revezava a comprar comida de acordo com uma lista de compras exposta na porta do frigorífico. Atrás da cozinha, havia uma casa de banho. Depois, Nina levou-a de volta

ao vestíbulo para subirem as escadas que levavam aos aposentos. A porta no primeiro piso só tinha um nome. Dizia: PORTA. AQUI VIVE ULLA III DE SAROLS.

— É aqui que mora a Ulla — disse Nina. — Ela era médica.

— Tem este piso todo só para ela?

— Percebo que isso te pareça estranho, mas sim, tem.

Vanja estremeceu.

— Estou a ver.

— Vimos vê-la todos os dias, percorremos as divisões e rotulamos tudo. Se quiseres ajudar, estás à vontade. Ela está a ficar um pouco senil, mas é bem-intencionada. — Nina continuou a subir pelo lanço de escadas seguinte. — A alternativa seria deixar algumas casas vazias.

O quarto de Vanja era de tamanho médio, mas estava mobilado para uma pessoa, em vez de duas. A cama na parede ao fundo tinha um colchão grosso e bastante arrumação debaixo da estrutura alta. Uma colcha de retalhos, um cobertor puído e uma almofada encontravam-se cuidadosamente empilhados aos pés da cama. Junto à janela, uma secretária pequena com uma cadeira substituía a habitual segunda cama, mas continuava a haver dois armários de arrumação, que Vanja teria só para si.

Nina pousou a mala na cama.

— Deixo-te para que te instales.

E foi para o seu quarto, que ficava ao lado.

Vanja pousou a sacola e o estojo da máquina de escrever junto à porta e deu uma volta pelo quarto. Tocou em cada objeto, lendo-lhe o rótulo e dizendo-lhe o nome em voz alta. Quando terminou, carregou o pesado estojo da máquina de escrever para a secretária e amontoou o conteúdo da sacola, pastas, folhas para a máquina de escrever e bloco de notas, ao lado. Por fim, desfez a mala: tirou os lençóis, que deixou em cima do colchão, toalhas, roupas para dormir, uns conjuntos de roupa interior, calças, camisolas e um par de fatos-macaco. Dobrou e guardou tudo isso num dos armários. A mala cabia à justa debaixo da cama. Depois de alguma

hesitação, vestiu mais umas calças e a camisola mais grossa que tinha levado. Isso não a fez sentir-se muito mais quente.

— Precisas de roupa como deve ser.

Nina estava de volta, encostada à ombreira da porta.

Vanja puxou a camisola até tapar as ancas. A camisa por baixo ficou toda enrodilhada.

— Tens razão. Mas não sei ao certo de que preciso. Faz sempre assim tanto frio?

— Sim.

— Uma pessoa habitua-se?

Nina sorriu e abanou a cabeça.

— Não. Mas tornamo-nos muito bons a vestir-nos de acordo com o tempo.

Afastou-se da porta e voltou para o seu quarto.

Vanja sentou-se à secretária, levantou a tampa do estojo da máquina de escrever. Depois de carregar nas teclas uma a uma e de recitar cada carater e cada dígito, sentia-se confiante de que tudo estava a funcionar.

Ouviu uma batida na porta aberta e em seguida Nina entrou, com uma nota na mão.

— Toma — disse. — Fiz uma lista das roupas que usamos aqui. Para saberes o que comprar.

Vanja perscrutou a lista.

— Um barrete para dormir?

— As noites ainda são mais frias.

Vanja agradeceu-lhe e voltou-se de novo para a secretária, para organizar os seus papéis. Passado algum tempo, foi buscar o cobertor à cama e envolveu-se nele, ficando apenas com a cabeça e as mãos à vista. A temperatura dentro de casa não era muito mais elevada do que a exterior.

A sua incumbência era descobrir tudo o que a E.H.E. precisava de saber acerca dos hábitos e necessidades de higiene em Amatka. Nada mais. Tinha pedido mais pormenores, mas Öydis, a supervisora, encolhera os ombros.

— Nunca fizemos isto, Vanja. Nunca ninguém o fez. Somos pioneiros, sabes? Tal como os nossos antepassados. Tu, Vanja, tens a honra de ser uma pioneira neste projeto. És perfeita para isso. Tenho a certeza de que vais arranjar uma boa solução.

Vanja ainda não percebia bem porque seria tão perfeita para aquela missão. Öydis referira-se à sua «discrição plácida». Porém, desconfiava que o motivo tinha mais que ver com as capacidades de persuasão de Ärna. Esta dissera-lhe que devia mudar de ares e depois tinha feito isso acontecer. Comportava-se sempre como a irmã mais velha que era. O nepotismo não era realmente permitido, mas Ärna ascendera rapidamente na hierarquia da E.H.E. e, de alguma maneira, conseguira dar aquele lugar a Vanja.

Ela pousou duas pastas na secretária à sua frente e tirou um marcador grosso da sacola. Identificou uma pasta com o rótulo CONTEÚDO: RELATÓRIOS e a outra com CONTEÚDO: NOTAS. Pegou no bloco de notas e folheou-o. Era de micopapel, lustroso e novo, com a data de validade impressa no canto inferior direito de cada página. Devia haver tempo suficiente para preencher todo o bloco de notas e transcrever as partes importantes antes de ter de o deitar fora.

Devia submeter os seus relatórios uma vez por semana. Agarrou num lápis e saiu para o corredor para ir bater à porta do quarto de Nina.

Relatório 1

As notas que se seguem são o resultado do meu primeiro contacto com uma das minhas anfitriãs, Nina Amatka IV de Ulltors.

A residência é ocupada por três pessoas: Nina, Ivar IV de Jonids (técnico de agricultura) e Ulla III de Sarols (médica reformada). Nina tem 34 anos e trabalha como médica na clínica de Amatka. Informou-me que Ivar tem 32 anos e trabalha como técnico de agricultura nos espaços de cultivo de cogumelos. Ambos foram criados na Casa Infantil IV de Amatka. Juntos, geraram duas filhas, Tora IV de Ninivs e Ida IV de Ninivs, respetivamente com oito e seis anos. As crianças vivem na Casa Infantil IV e visitam a residência aos fins de semana.

A atitude geral em relação à higiene em Amatka é algo diferente, sobretudo devido ao frio e às condições que isso implica. A cada residência é atribuída uma ração de água quente, que raramente chega para encher mais do que uma banheira. Por este motivo, camaradas de residência costumam coordenar os banhos. Nina indica-me que os membros desta casa tomam banho uma vez por semana ou a cada dez dias. Fora isso, lavam-se com panos molhados. Nina também me comunica que o sabão

que costumam usar é difícil de enxaguar apenas com água e panos.

No que diz respeito a produtos de higiene, a residência usa os produtos típicos da comuna, sem exceção. Nina parece resistente quanto à utilização de produtos de origem exterior. Na sua opinião, é importante manter um padrão básico, mas recusa acrescentar mais informação sobre o tema.

DUODIA

Vanja acordou ao som de trovoadas. A pequena janela mostrava um céu a aclarar, algures entre o negro e o cinzento das horas do dia. Esperou pelo tamborilar da chuva contra o vidro. Não chegou. Em vez disso, mais trovões.

Tinha-se deitado cedo, pouco depois do jantar. Tinham cozido nabos e cenouras com cogumelos salteados, uma variedade redonda e pequena que Vanja nunca tinha visto. Ulla, que revelara ser velha e curvada, mas com uma visão arguta, tinha-os acompanhado à mesa. Fez perguntas intermináveis sobre Essre: quantas pessoas viviam lá agora, o que vestiam, quem fazia parte do comité e, acima de tudo, se seria a livre produção uma ideia realmente boa? Parecia que, em geral, a população de Amatka não recebia muitas notícias do resto das colónias.

Vanja respondeu tão bem quanto era capaz. Para a última pergunta, de facto não tinha resposta para além da declaração oficial: era para estimular o espírito pioneiro das pessoas e encorajar o desenvolvimento cooperativo. É apenas o meu trabalho, dissera ela, faça o que me mandam. A abanar a cabeça, Ulla perguntara como poderia ser tão desinteressada. És completamente fútil, acusara-a, e Vanja fixara os olhos no seu prato. Nina tinha

dito a Ulla que devia pensar antes de falar. Esta respondera que era demasiado velha para isso.

Pedindo licença, Vanja lavou o prato e os talheres e recolheu-se ao quarto, onde se meteu na cama sem se despir. Ninguém foi atrás dela. Parecia que em Amatka uma porta fechada também era algo que se respeitava. Tinha ficado acordada durante muito tempo, a rever as coisas ditas e feitas, enquanto todo o género de réplicas cáusticas que poderia ter dado lhe vinha à cabeça. Essre e o seu comité eram ambiciosos e voltados para o futuro; a livre produção era um passo necessário para a expansão das colónias. As pessoas estavam preparadas para experimentar, num esforço cuidadosamente controlado. Amatka parecia estar a dar-se bem, independentemente do que Ulla pudesse pensar. Não depositaria Ulla fé nos seus camaradas?

As suas botas estavam ao lado da cama; ao menos conseguira descalçar-se. Afastou a coberta e o frio súbito fê-la estremecer. A custo, enfiou as botas, tirou uma toalha e um pano do armário e desceu as escadas.

Ivar encontrava-se à mesa da cozinha, a comer com um livro aberto à sua frente. Acenou-lhe com a cabeça e apontou com o polegar para a frigideira e o fervedor a fumer em cima do fogão. Vanja correspondeu ao aceno de cabeça e dirigiu-se à casa de banho. Havia espaço suficiente apenas para uma retrete, um lavatório e uma banheira. A terceira prateleira na parede era sua, não que ela tivesse mais alguma coisa do que uns produtos de limpeza e uma escova de dentes. Levou a mão à bolsa de produtos de higiene, murmurou «bolsa de produtos de higiene» e abriu-a.

Assustou-se e quase deixou cair a bolsa no lavatório ao ver o conteúdo. O fundo da bolsa estava coberto por uma pasta espessa. Fora a escova de dentes. Tinha sido descuidada. Reparara no comboio: as letras ESCOVA DE DENTES gravadas na pega haviam começado a perder a definição. Ainda assim, tinha pensado que duraria um pouco mais.

Obrigou-se a cerrar o fecho-éclair. Agora que sabia o que estava lá dentro, segurar a bolsa provocava-lhe formigueiro nos dedos. Teve uma visão repentina do conteúdo a escapar-se, rastejando pelos seus braços a cima. Só a ideia bastou para lhe deixar a garganta a arder. Saiu da casa de banho às arrecuas com a bolsa de produtos de higiene entre as mãos.

— Ivar?

A mão e o garfo de Ivar pararam a meio caminho entre o prato e a boca.

— Sim?

— Preciso de me livrar disto.

Virou-se para lhe mostrar a bolsa.

Ivar olhou para o que ela tinha nas mãos, depois para ela, e assentiu concisamente com a cabeça. Levantou-se e foi até um armário debaixo do lava-loiça, de onde tirou uma caixa. Abriu a tampa e estendeu-lhe a caixa. Vanja depositou cuidadosamente a bolsa no fundo. Depois, Ivar tornou a pôr a tampa no lugar e saiu. Vanja ouviu a porta da rua abrir e fechar. Ivar voltou e sentou-se à mesa.

— Peço desculpa — disse Vanja.

Ivar sorriu-lhe pela primeira vez, um pequeno sorriso de lábios fechados, e a sua expressão suavizou-se.

— Não te preocupes. Trata de comer qualquer coisa.

E voltou ao seu livro.

Vanja pegou numa caneca e num prato e espreitou pela janela. Continuava a não chover. Na frigideira, encontrou sobras aquecidas do jantar do dia anterior; o fervedor continha café, tão forte que era quase castanho. Vanja deixou os grãos afundar e provou. Era um sabor estranho, picante e tanto ácido como doce, feito a partir de algum cogumelo que em Essre não se conhecia. Encheu o prato e sentou-se à frente de Ivar. Pelo que percebia do texto de pernas para o ar, ele estava a ler sobre cultivo em estufas.

Quando terminou o que tinha no prato, Ivar levantou-se e fechou o livro.

— Agora, vou para o meu turno — disse. — A Nina já está no dela. Começou cedo. Hoje calha-te fazer o jantar. Mas não tens de ir buscar nada à loja. Há que chegue na despensa.

Vanja assentiu com a cabeça.

— A que horas?

Ivar encolheu os ombros.

— Chegamos a casa por volta das 5 horas.

Sem dizer mais, ele lavou o prato e foi-se embora.

— Vamos marcar todas as coisas aqui — cantarolou Vanja entredentes, deixando o olhar vaguear pela divisão. — Mesa, cadeira e um fervedor aqui, como deve ser; fogão, frigorífico e despensa ali, estou a ver. Marcamos todas as coisas como é nosso dever.

A *Canção de Marcar* fazia parte da vida de toda a gente, desde o primeiro dia na casa infantil. Quando Vanja era pequena, o dia de marcar era o melhor dia da semana.

O professor, Jonas, andava pela sala, a apontar para um objeto após o outro. Por vezes era difícil conseguir que o nome de uma coisa encaixasse no ritmo da canção e eles riam-se. A voz de Vanja era a que soava mais alto. Depois cantavam *A Canção do Pioneiro* e *Quando Eu For Grande*. Depois, chegava a hora da sesta.

Só muito mais tarde lhe tinham explicado o motivo para toda aquela identificação e marcação. Fora uma lição especial. As crianças tinham passado vários dias antes da lição a retocar sinais e etiquetas, a cantar rondas extra de canções de marcar. O professor Jonas tinha-as vigiado de perto, castigando as desleixadas. Por fim, as crianças reuniram-se na sala de aula. O sermão foi curto. O professor Jonas ficou de pé, junto à secretária, de rosto tenso e sombrio. Num silêncio tão absoluto que dava para se ouvir a própria pulsação, Jonas falou. A sua voz potente parecia débil.

Há muito tempo, quando os pioneiros vieram para cá, construíram cinco colónias. Agora já só sobram quatro.

Quando a lição terminou, as crianças passaram o resto do dia a cantar canções de marcar e a retocar sinais e etiquetas com uma intensidade renovada. Já não era um jogo.

Vanja tinha ficado num armazém, incumbida da tarefa de marcar lápis e réguas, e levou o trabalho a sério. *Lápis lápis lápis lápis lápis lápis*, entoou ela, tocando em cada lápis, até a torrente de palavras se inverter e resultar num som como *pis-lá pis-lá pis-lá pis-lá pis-lá pis-lá pis-lá pis-lá* e a fila de lápis estremeceu e quase se transformou noutra coisa, ao que ela percebeu que era assim que acontecia, e todo o seu peito formigou. Nesse momento, a porta do armazém abriu-se, revelando o professor Jonas à entrada. Ele olhou para a fila de lápis, depois para Vanja, e disse:

— Eu vi isso.

E em seguida agarrou-a pelo braço e encaminhou-a para a sala de aula.

As outras crianças já estavam nos seus lugares, à exceção de Ärna, que estava diante da secretária do professor com uma expressão estranha no rosto. O professor Jonas empurrou Vanja à sua frente e fê-la ficar ao lado da irmã. Vanja fitou os sapatos e esperou. Ele ia contar aos outros o que tinha visto e ela seria mandada embora. O silêncio parecia interminável. Preparava-se para erguer o olhar quando o professor falou.

— O pai da Vanja e da Ärna, Lars de Anvars, foi detido e acusado de atividade subversiva.

Um murmúrio percorreu a turma.

— Acabámos de falar da Colónia Cinco e do que acontece quando as regras são infringidas. Agora todos vocês compreendem como isso é terrível. É uma coisa verdadeiramente terrível, terrível. Querem destruir a nossa comunidade, arruinar tudo aquilo que temos construído a tanto custo?

Virou-se para Vanja e Ärna. A cabeça de Vanja tinha sido ocupada por um zumbido. A voz dele parecia distante.

— Meninas, é importante que renunciem ao vosso pai e às ações dele. Não querem ser traidoras como ele, pois não?

— Não. — Foi Ärna quem respondeu.

— Então repitam as minhas palavras: «Como camarada fiel da comuna, renuncio a Lars de Anvars e às suas ações.»

Ärna repetiu as palavras, numa voz tão límpida e possante que Vanja a ouvia mesmo com o rugido que lhe crescia nos ouvidos. Já ela teve de ser guiada pela frase palavra a palavra, três vezes, até o professor se dar por satisfeito. Depois permitiu-lhes que voltassem aos seus lugares.

O professor Jonas proferiu um discurso acerca da importância de comunicar infrações de imediato e de renunciar a qualquer pessoa que tentasse causar dano à comuna. Depois da aula, levou-a a ver um agente do comité.

O professor Jonas contou-nos o que aconteceu com os lápis, disse o agente. Tu és só uma criança. Não sabias que o que estavas a fazer era errado. Agora já sabes.

Sim, respondera Vanja, de olhar voltado para baixo. Agora já sei. Vamos estar a vigiar-te, disse o agente.

Estava na altura de se registar na sede da comuna de Amatka. Saiu de casa a usar dois pares de calças, com três camisolas debaixo do anoraque e os seus blocos de notas na sacola. Puxou as mangas do anoraque para cobrir as mãos. O céu tinha alvorecido e estava de um tom mais claro de cinzento. Mais adiante na rua quase deserta, uma mulher de fato-macaco amarelo vivo puxava um carrinho de porta em porta, a recolher caixas de desperdícios. Vanja virou-se com um calafrio e começou a andar para o centro.

A sede da comuna de Amatka tinha esquinas arredondadas e janelas pequenas e recolhidas. Como todos os edifícios centrais de todas as colónias, era feito de betão, esse material raro que os pioneiros tinham trazido. E, à semelhança de todas as outras coisas do velho mundo, o betão não precisava de rótulos para manter a forma. Era sólido, reconfortante. A placa ao lado da entrada

dizia *Edifício central construído e erigido no ano 15 após a chegada. Vivam os pioneiros! Viva a comuna de Amatka!*

Logo a seguir à entrada, um rececionista magro encontrava-se atrás de um balcão. Vanja mostrou-lhe os seus documentos com marcas de muito uso e recebeu dois exemplares de um formulário de várias páginas para preencher. Nome completo, idade, colónia nativa, morada temporária em Amatka, profissão, nomes dos filhos e local de residência destes. Educação, historial de emprego e outras competências. Estaria ciente de que poderia ser convocada caso alguma das suas competências fosse necessária à comunidade durante a sua residência em Amatka? Teria alguma doença ou outros problemas dos quais a comuna devesse ser informada?

Por fim, Vanja entregou os formulários preenchidos ao rececionista, que se debruçou sobre o balcão para os ler. Ele bateu com a caneta numa das caixas.

— Aqui. Não preenchestes a secção «filhos e local de residência destes».

— Não — respondeu Vanja.

O rececionista tocou com a caneta na caixa onde Vanja indicara a sua idade.

— Estou a ver.

Vanja fitou o chão. Tinha as faces a escaldar.

Ele pediu-lhe a caderneta de crédito e carimbou-a com pequenos baques sólidos.

— Bem-vinda a Amatka — disse-lhe ao devolver-lha. — Estás registada como visitante e podes movimentar-te livremente pela colónia. Obrigado.

— Também gostaria de preencher um pedido de informação do arquivo.

Vanja evitava o olhar do rececionista.

— Próximo andar, primeira porta à direita.

O rececionista virou-se e continuou a carimbar documentos.

No andar seguinte, Vanja tornou a mostrar os seus documentos e preencheu uma requisição de uma lista de empresas locais

independentes. Foi-lhe dito que o processo demoraria uns dias, ao que ela agradeceu e saiu.

Estando as formalidades necessárias resolvidas, Vanja visitou o armazém de roupas, com a lista de compras que Nina lhe facultara. Depois de vaguear por entre roupas de trabalho e trajes exteriores mais perto da entrada da loja, acabou por encontrar a secção de camisolas, roupa interior e pequenos artigos. A loja tinha pouca freguesia àquela hora do dia; o único barulho era o de um funcionário que ia passando de prateleira para prateleira com um marcador, murmurando perante cada peça.

Os tecidos ali eram diferentes, feitos de materiais que lhe pareciam quentes ao toque. A maior parte das roupas era monocromática, mas garrida. Vanja, que estava totalmente vestida de castanho, hesitava. Pensou no fato-macaco azul de Nina e na camisa verde de Ivar, e escolheu roupas em tons de azul e verde: um barrete para dormir, roupa interior de mangas e pernas compridas, uma camisa grossa, luvas, meias, um lenço e um gorro que tinha tapa-orelhas e uma tira para prender debaixo do queixo. Experimentou algumas das peças em frente a um espelho. Ficava algo peculiar com o gorro; o cabelo espreitava por baixo do rebordo e as abas das orelhas estavam espetadas para fora. Puxou o gorro para trás, enfiou o cabelo para dentro e prendeu as abas. Isso deu-lhe um aspeto um pouco melhor. Passou os dedos pelo anoraque fino. Estava coçado nos cotovelos e nos ombros, mas fora rotulado recentemente e por ora serviria. As calças ainda estavam bastante decentes, com mais do que espaço para usar colãs por baixo, agora que lhe tinham ficado tão largas.

A companhia não lhe dera crédito extra para roupas, mas o seu desinteresse generalizado tinha-lhe proporcionado poupanças suficientemente substanciais para todas as peças que escolhera.

A farmácia ficava duas portas a seguir ao armazém. Os produtos encontravam-se empilhados nas prateleiras de acordo com a categoria a que pertenciam, a maioria embalada com as cores

da comuna, vermelho e branco. Alguns dispensadores estavam atarefados a servir clientes ao fundo da loja. Vanja caminhou devagar ao longo das prateleiras, a ler os rótulos. O leque de oferta era praticamente idêntico ao de Essre, mas as proporções eram diferentes. Ao que parecia, os habitantes de Amatka padeciam de problemas de pele: havia toda uma secção devotada a eczema, infeções fúngicas e outros problemas dermatológicos. A secção de higiene geral, por comparação, era pobre. Vanja deitou a mão a todas as embalagens que não estivessem decoradas com as cores da comuna e preencheu um formulário de requisição que um dos dispensadores lhe entregara.

— Importam algum produto independente de Essre? — perguntou enquanto a dispensadora, uma jovem de cabelo apanhado num puxo retesado, guardava os artigos num saco pardo.

A dispensadora deteve-se, com a mão dentro do saco.

— Não. Não sei porque haveríamos de fazer isso. Mal conseguimos dar vazão às coisas feitas localmente. Por empresas independentes, quero dizer. Por isso, não sei como se daria uma coisa de Essre.

— Porque é que as pessoas não as querem, na sua opinião?

— Não é daqui, pois não? É uma novidade. As pessoas não gostam de novidades. Isso nunca corre bem.

A dispensadora guardou o último dos artigos e procurou qualquer coisa debaixo do balcão. Tirou de lá uns quantos panfletos, que enfiou no saco.

— Leve estes também.

Vanja acartou a carga pesada até à casa. Pousou os sacos na mesa da cozinha e encontrou café em pó na despensa. Parecia caseiro, guardado num frasco com uma tampa desirmanada. Provavelmente, Ivar trazia cogumelos de café do trabalho, secava-os e moía-os ele mesmo. Vanja encheu o fervedor com água até meio, acrescentou umas colheradas do pó e pôs o fervedor ao lume. Enquanto esperava que fervesse, despejou o saco e foi

examinando os frascos, potes e bisnagas, dispendo-os em cima da mesa. No total, tinha trazido 32 produtos de dois fabricantes diferentes. Quando o café ficou pronto, saiu do fervedor num tom pálido de amarelo. Vanja tirou o bloco de notas da sacola e começou a anotar os nomes dos fabricantes e dos produtos, bem como listas de componentes. Era um trabalho tranquilizante.

Uma risada repentina fê-la levantar a cabeça. Nina estava à porta da cozinha, de sobranceiras arqueadas. Olhou para os frascos e potes que cobriam a mesa, depois para Vanja, e tornou a rir, de uma forma que não era de todo hostil.

ÀS VEZES, É PRECISO CONSTRUIR ALGO, SEM TER NADA DE SÓLIDO POR ONDE COMEÇAR.

Vanja é uma trabalhadora ao serviço do Estado. Como todas as outras pessoas. Porque o estado somos nós. A comuna somos nós. O comité somos nós. Todas as regras, todas as imposições, todas as ordens e toda a burocracia são necessárias para garantir que o mundo não se desfaça.

O mundo corre o risco de se desfazer. Se não marcarmos cuidadosamente os nossos pertences, se cada objeto não estiver etiquetado e for lembrado regularmente do que é e do que pode ser vai acabar por se desfazer numa espécie de lodo viscoso. E, portanto, o bom comportamento é fundamental. O método também. A desobediência pode significar o fim.

Mas Vanja precisa de mais. Precisa de conhecer, precisa de entender. Precisa de saber porque é que as suas palavras são capazes de tanto, e, no entanto, utilizadas para tão pouco.

Será que a obediência e a destruição são as únicas duas hipóteses?

«Um romance distópico inesquecível.
Com elementos de Kafka, Borges e Le Guin.»

The Guardian

«Karin Tidbeck reinventa a realidade e o poder da linguagem neste seu romance distópico. O enredo tenso, assim como as questões que levanta acerca da linguagem, do controlo, e dos nossos limites como humanos tornam este livro uma estreia muito bem-vinda.»

Publishers Weekly

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-09-6



9 789898 917096

Literatura Traduzida